



Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

ISSN: 1390-1079

ISSN: 1390-924X

chasqui@ciespal.org

Centro Internacional de Estudios Superiores de
Comunicación para América Latina

Ecuador

ALVES-BEZERRA, Wilson

A fugaz temporada para a leitura do suplemento Saba#tico
(2010-2013) e o lugar da literatura na imprensa escrita latino-americana

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, núm. 132, 2016, -Novembro, pp. 293-305

Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina
Ecuador

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16057384017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A fugaz temporada para a leitura do suplemento *Sabático* (2010-2013) e o lugar da literatura na imprensa escrita latino-americana

*The fleeting season for reading the supplement Sabático (2010-2013)
and the place of literature in Latin American written press*

*Fugaz temporada para la lectura del suplemento Sabático (2010-2013)
y el lugar de la literatura en la prensa escrita latinoamericana*

Wilson ALVES-BEZERRA

Universidade Federal de São Carlos, Brasil / wilson.alves.bezerra@gmail.com

Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación

N.º 132, agosto - noviembre 2016 (Sección Ensayo, pp. 293-305)

ISSN 1390-1079 / e-ISSN 1390-924X

Ecuador: CIESPAL

Recibido: 04-02-2016 / Aprobado: 11-10-2016

Resumo

Propõe-se uma reflexão sobre o lugar da crítica literária na grande imprensa escrita contemporânea na América Latina, sobretudo nos cadernos literários. Relata-se e discute-se a experiência do caderno *Sabático* (2010-2013), tanto considerando a história dos suplementos de cultura em *O Estado de São Paulo* (sobretudo o *Suplemento Literário* 1956-1974) quanto o meio contemporâneo no qual o caderno se moveu – em contraste com experiências outras como o *Caderno de resenhas* [1994-2004] da *Folha de São Paulo*. Analisa-se sua trajetória no contexto do atual desaparecimento de publicações impressas.

Palavras-chave: literatura e imprensa, literatura contemporânea, literatura latino-americana.

Abstract

This article brings a reflection on the situation of literary criticism in the contemporary written press in Latin America, especially in literary supplements. The experience of the supplement *Sabático* (2010-2013) is presented and discussed, both considering the history of culture supplements in *O Estado de S. Paulo* (mainly the *Suplemento Literário* 1956 to 1974) and the contemporary environment in which the section has developed (in contrast to other efforts like the *Caderno de Resenhas* [1994-2004] of the *Folha de São Paulo*). Its trajectory is analyzed in the context of current disappearance of printed publications.

Keywords: literature and the press, contemporary literature, Latin American literature.

Resumen

Se propone una reflexión sobre el lugar de la crítica literaria en la gran prensa escrita contemporánea en América Latina, especialmente en los suplementos literarios. Se presenta y discute la experiencia del suplemento *Sabático* (2010-2013), teniendo en cuenta tanto la historia de las secciones de cultura en *O Estado de São Paulo* (En especial, el *Suplemento literario* 1956-1974) como el medio contemporáneo en el que el suplemento se desarrolló –en contraste con otras experiencias como el *Suplemento de reseñas* [1994-2004] de *Folha de São Paulo*. Se analiza su trayectoria en el contexto de la actual desaparición de las publicaciones impresas.

Palabras clave: literatura e imprensa, literatura contemporânea, literatura latino-americana.

*O escritor italiano Umberto Eco ousa dizer que o livro não acabará.
“É como uma colher, uma tesoura, esse tipo de objeto que, uma
vez inventado, não muda jamais”, afirmou ele em entrevista ao Sabático,
suplemento cultural do Estado que estreia hoje.
Ubiratan Brasil, O Estado de São Paulo, 13 de março de 2010.*

1. A fugaz temporada para a leitura

Quando foi publicado pela primeira vez, na edição de sábado de *O Estado de São Paulo*, no dia 13 de março de 2010, o suplemento *Sabático* – que trazia a alcunha *Uma temporada para a leitura* – era um caderno de oito páginas do jornal e trazia na capa uma foto de página inteira do rosto do semiólogo e escritor italiano Umberto Eco (1932-2016), ladeada por uma afirmação que já soava provocativa: “Não contem com o fim do livro”. Abaixo, em corpo menor, uma chamada para um conto inédito do escritor cearense Ronaldo Correia de Brito, que ocupava pouco mais da metade da terceira página (colorida) do suplemento, acompanhado por uma ilustração de Baptistão. Finalmente, a chamada para uma entrevista do poeta cuiabano Manoel de Barros (1916-2014), concedida ao enviado especial a Campo Grande, o jornalista e crítico cultural Daniel Piza (1970-2011) e, que era também acompanhada por uma fotomontagem em cores, de meia página, com imagem do poeta sobre um fundo preto entre as iniciais M. e B., numa fonte cursiva que viria a tornar-se característica do suplemento. A edição trazia ainda um curioso diálogo com o antigo *Suplemento Literário*, do mesmo jornal: tratava-se de excertos de um rodapé literário de Antonio Candido sobre *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, publicada em 6 de outubro de 1956. Uma nota, ao lado do texto, dizia: “Antonio Candido, crítico e professor de literatura, elaborou o projeto do *Suplemento Literário*”.

Ao reproduzir trecho do antigo *Suplemento*, o *Sabático* não apenas rendia homenagem ao precursor, nas páginas do próprio *O Estado de São Paulo*, como também explicitava sua filiação. Afora isso, a presença das matérias com chamada na capa, já aludidas, explicitava o desejo do *Sabático* de dialogar com a produção literária contemporânea, para além das fronteiras brasileiras. Tratava-se claramente de uma atualização, meio século depois, do revolucionário *Suplemento Literário*, com vistas a reafirmar a relevância e o lugar de centralidade da literatura e do livro na sociedade contemporânea. Neste sentido, a entrevista de Eco tinha caráter claro de tomada de posição. O *Sabático* nascia querendo ser relevante. O caderno tinha à frente Rinaldo Gama, jornalista com longo currículo em publicações relacionadas à cultura e à literatura, como a função de editor dos cadernos *Cultura* e *Aliás*, do mesmo *O Estado de S. Paulo*, e editor executivo dos *Cadernos de Literatura Brasileira*, do Instituto Moreira Salles. Acompanhava-o uma grande equipe de jornalistas e – a se considerar o primeiro número – um bom número de colaboradores, tanto de outros cadernos do próprio jornal quanto do meio acadêmico.

Ora, pode-se dizer que Gama e o projeto do *Sabático* pareciam ecoar um chamamento feito quinze anos antes, por Silviano Santiago, nas páginas da revista da Universidade de Stanford:

Nosso interesse é o de estender ao escritor literário e o professor universitário de Letras o convite para participarem de maneira sistemática – em benefício da literatura, da universidade, da imprensa, do público e até em benefício próprio – das páginas dos grandes jornais e revistas de circulação nacional e internacional. (Santiago, 2004, p.157)

Santiago, naquelas páginas inflamadas dos primeiros anos da Nova República brasileira, que encerrava o período da ditadura civil-militar (1964-1985), tinha um claro gesto de fazer a autocritica do discurso universitário sobre a literatura, buscando um novo lance no movimento de rechaço que os catedráticos, em meados do século vinte, fizeram em relação ao espaço público para o debate oferecido pelos jornais:

Não se trata de acentuar hoje o equívoco da Universidade que, para poder se afirmar estrategicamente em um país subdesenvolvido, optou por fazer silenciar de maneira drástica e autoritária o papel dos grandes críticos que comunicavam, em estilo elegante e opinativo, com leitores curiosos das coisas literárias. (Santiago, 2004, p.166)

Tanta aderência havia entre o chamamento de Santiago dos universitários ao debate público que ele figurou como colaborador fixo do *Sabático* desde seu surgimento. Tratava-se, mais uma vez, de vencer a barreira que se convencionou estabelecer como construída em 1948, quando Afrânio Coutinho passou a lançar uma série de inventivas contra os então chamados “rodapés literários”, isto é, as resenhas literárias longas escritas regra geral por autodidatas, criticando-lhes o impressionismo e a falta de método. Era a reafirmação de um discurso de autossuficiência da academia em relação à sociedade que reverbera até os dias de hoje.

Em tempos recentes, o professor brasileiro João Cezar Castro Rocha (2011) ocupou-se longamente de revisitar a polêmica e, lida neste âmbito, a proposta do *Sabático* seria mais uma promissora tentativa de aproximação entre os dois âmbitos – o da universidade e o da crítica literária no jornal.

Nesse sentido, pode-se inclusive dizer que o *Sabático* (2010-2013) surgia como uma forma de retomada da *ação precursora do Suplemento Literário* (1956-1974), já noutro momento histórico, reatualizando a relação jornalismo-universidade nas páginas de *O Estado de S. Paulo*. Tal afirmativa resta clara ao se revisitar o projeto que Antonio Candido, em 1956, enviara à diretoria do jornal, composta por Júlio de Mesquita Neto e Ruy Mesquita, propondo a criação do *Suplemento Literário*. Dizia o projeto a certa altura:

O Suplemento, que aparecerá aos sábados, pretende conciliar as exigências de informação jornalística e as de bom nível cultural, visando ser, como ideal, uma pequena revista de cultura. Na sua estrutura prevê-se uma porcentagem de matéria leve, curta e informativa, que permite incluir, em compensação, matéria de mais peso. Assim, serão atendidos os interesses tanto do leitor comum quanto do leitor culto, devendo evitar que o Suplemento se dirija exclusivamente a um ou outro. (Candido apud Lorenzotti, 2007, p.48-49)

Tal como Candido propunha atender aos interesses dos diversos leitores, também o *Sabático* o fazia: ao lado das resenhas e entrevistas já aludidas, o novo caderno trazia meia página informativa. Dela constava, além da lista dos livros mais vendidos da semana retrasada, a seção *Babel*, dedicada, sobretudo, à dimensão empresarial da literatura. Nela abordavam-se, em notas breves, notícias do mercado editorial, como projetos de lançamentos, feiras, novas tecnologias. Inicialmente esteve a cargo da jornalista Raquel Cozer, depois substituída por Maria Fernanda Rodrigues, que permaneceu até o fim do *Sabático*. Havia ainda a seção *Estante*, que no primeiro número ocupava a página 7, trazendo notas brevíssimas sobre os lançamentos. Finalmente, além das resenhas de meia página ou pouco mais, instituiu-se com o caderno um novo formato, de pouco menos de um quarto de página, com resenhas breves sobre lançamentos de livros. Tal formato possibilitava que se comentassem mais livros por edição, ainda que não de forma tão alentada, além, é claro, de ser um formato que possibilitava articular o tamanho do texto com a oferta de anúncios na semana.

É de se notar também o grande diálogo com a produção latino-americana contemporânea: tanto em relação aos livros resenhados – havia praticamente um autor de língua espanhola do continente resenhado por semana – quanto pela colaboração de críticos hispano-americanos. Foi presença frequente nas páginas do *Sabático* colaboradores de tendência tão diversa como podem ser Mario Vargas Llosa e Danúbio Torres Fierro, editor da Fondo de Cultura Económica no Brasil. Tratava-se, portanto, de um suplemento plural. Com essa breve descrição do *Sabático*, nota-se como foi certa a afirmação da crítica Elizabeth Lorenzotti ao dizer que o *Suplemento Literário* seria “o modelo de todos os cadernos culturais que o sucederam” (Lorenzotti, 2007, p.40). Tanto que tentativas de formato muito divergentes do *Suplemento* tenderam, no Brasil, a se transformar ou desaparecer. Um exemplo claro disso é o *Caderno de Resenhas*, que circulou na *Folha de São Paulo* de 1995 a 2004, o qual privilegiara, em seu tempo, as resenhas longas, de caráter estritamente acadêmico. Tais características podem ser consideradas as responsáveis pelo fato de que, em 2009, quando ressurgiu, o caderno ganhasse autonomia e passasse a circular diretamente nas universidades públicas paulistas, sem qualquer vinculação com a grande imprensa escrita.

Assim, o projeto do *Sabático* tinha tudo para ser uma refundação da aliança entre academia e imprensa, retomando as bases fixadas por Antonio Candido,

pouco mais de meio século antes. Entretanto, algo não planejado deu-se, a temporada para leitura foi mais breve do que se poderia supor. A edição final, a de número 158, foi publicada em 20 de abril de 2013, duas semanas após o anúncio público da reformulação do jornal e da demissão de cerca de 40 jornalistas de *O Estado de São Paulo*. Folheá-la tinha algo de desolador: o caderno havia encolhido de oito para seis páginas, não havia um só texto de colaborador externo – fosse ele professor, escritor ou poeta –, os créditos do expediente haviam desaparecido – já há algumas semanas – e o último *Sabático* parecia ter sido realizado à custa de uma força-tarefa dos jornalistas remanescentes na casa.

Se havia sido praxe em toda a sua trajetória a não repetição do nome de um autor em mais de uma seção ou texto, o derradeiro caderno trazia a jornalista Maria Fernanda Rodrigues, que subsistira à demissão massiva do jornal, assinando não apenas sua habitual coluna *Babel*, como também participando da entrevista de página dupla a Charles Cosac, editor da Cosac Naify; Ubiratan Brasil, até então editor do *Caderno 2*, dividia-se entre a coluna *Babel* e a resenha de *Histórias de Paris*, coletânea póstuma de contos do uruguaio Mario Benedetti (1920-2009); Antonio Gonçalves Filho desdobrava-se entre a entrevista a Charles Cosac e um ensaio sobre o novo livro de Jorge Schwartz acerca das vanguardas latino-americanas; completavam a edição a coluna semanal de Sergio Augusto e uma resenha de Sergio Telles, colunista do *Caderno 2*, sobre a tradução inglesa de uma biografia francesa de Derrida. E só. O improvisto era evidente.

Entretanto seria necessário aguardar até a semana seguinte para que se pudesse aferir de fato como o jornal iria implementar sua anunciada reforma. Numa circular interna, datada de 5 de abril de 2013, assinada por Ricardo Gandour, diretor do conteúdo do jornal – reproduzida pelo site *Blue Bus*, com uma nota curta do jornalista Júlio Hungria –, afirmava-se que, após a reformulação, “O *Caderno 2* amplia a cobertura de entretenimento e incorpora comportamento digital e literatura” (Gandour *apud* Hungria, 2013). É quando se informa, tangencialmente e sem alarde, a extinção do *Sabático*, ao mesmo tempo em que, com alguma timidez, promete-se a incorporação da cobertura de literatura pelo *Caderno 2*.

O Estado de São Paulo, assim, cortava seus laços com o *Suplemento Literário*. De alguma forma, mesmo depois de finda sua primeira trajetória, entre 1956 e 1974, o *Suplemento* passara por mutações, refundara-se, mas mantivera algo do projeto original: *Suplemento do Centenário* (1974-5), *Suplemento Cultural* (1976-1980), *Suplemento Cultura e Cultura*, em todas as suas etapas, sempre faziam referência ao caderno de origem. Ao optar por entregar a cultura e a literatura ao *Caderno 2*, o jornal renunciou à sua vocação, dado que o *Caderno 2*, desde seu surgimento em 1986, destinou-se primordialmente à indústria cultural e não à crítica literária ou artística.

A justificativa para tal escolha, segundo a circular, seria um pragmatismo que inclui termos como “conveniência”, “eficiência” e outros afins, como se lerá a seguir:

Pesquisas qualitativas e entrevistas em profundidade com diversos setores da sociedade, realizadas nos últimos meses, [que] comprovaram o que vem sendo debatido entre nós desde o Redesenho de 2010: os leitores – em geral, e também os do Estado — querem mais conveniência e eficiência de leitura, mais apostas de edição (sic), um jornal mais compacto – principalmente nos dias úteis. Tudo isso sem perder o aprofundamento e o poder de análise que caracterizam o jornalismo do Estado. (Gandour apud Hungria, 2013, grifos meus)

A nota de Gandour, como se percebe, soava quase como um *mea culpa* em relação à reformulação de 2010 – o “redesenho” no qual fora criada uma série de cadernos – como o próprio *Sabático*, o *Link*, o *C2+Música* etc., e no qual o jornal se gabava de ter noventa e um profissionais como seu “número ampliado de colonistas e articulistas”. Se se considerar que naquele momento, o “redesenho” foi anunciado num caderno com oito páginas, publicado na edição dominical, com uma tiragem de 500 mil exemplares, cuja primeira matéria chamava-se “Momento de apostar”, a melancólica nota de Gandour indicava: a reformulação acontecerá numa segunda-feira, dia 22 de abril, sob a forma de um anúncio em página dupla, no primeiro caderno do jornal, com um slogan que mereceria entrar para os anais do marketing improvável: “Prepare-se para conhecer a *maior menor mudança* que o Estadão já teve” (grifos meus). Na prática, isso representava o desaparecimento de cadernos específicos e segmentados nas áreas de literatura – *Sabático* –, informática – *Link* –, música – *C2+Música* –, e o caderno infantil *Estadinho*, além da incorporação do *Esportes* ao primeiro caderno de terça a sábado. Seria possível, numa tentativa de síntese, repetir a eloquente frase de Horácio, utilizada como título de um artigo de Luciano Martins Costa, de 8 de abril de 2013, ainda sob o impacto do anúncio interno do *Estadão* e das demissões: “A montanha pariu um rato” (Costa, 2013).

Para as edições dominicais, o anúncio da reformulação prometia ainda “Um Estadão para ler com mais tempo”. O comunicado já citado de Gandour se referia também a uma mudança de abordagem, “acentuando o foco em reportagens exclusivas e abordagens analíticas” (Gandour apud Hungria, 2013). Seria de se supor, portanto, a se considerar o prometido, que caberia às edições de sábado e domingo levarem adiante o legado do *Sabático*. Ou, por outra, escolher o rato, como se verá a seguir.

Foi preciso esperar até o primeiro fim de semana no jornal com a “maior menor mudança” para ver como seria implementada a nova configuração da abordagem dos livros, autores e da literatura. A edição de 27 de abril, sábado, trazia na capa do *Caderno 2* uma certa referência ao *Sabático* e, ao mesmo tempo, já dando mostras do que viria a ser o novo suplemento.

Uma caricatura do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), feita por Baptistão, ao lado da manchete “Graciliano pop star” em letras brancas sobre uma tarja avermelhada, remetia à programação visual do recém-extinto

caderno. Entretanto, há ao menos duas marcas evidentes de que não se tratava mais do *Sabático*: em primeiro lugar, havia uma sobriedade no antigo caderno que dificilmente permitiria um título como este, com sua referência explícita à indústria do entretenimento. Ainda mais se se considerar que o “pop star” se refere a uma homenagem que Ramos iria receber na Festa Literária de Paraty, sob a forma de uma palestra do escritor Milton Hatoum. Finalmente, o anúncio de meia página que ocupava a parte inferior da capa do *Caderno 2* contrasta com o luxo das fotos de página inteira de escritores e editores que caracterizaram a totalidade das capas do *Sabático*.

Aliás, é preciso dizer que o espaço limitado no jornal parece ser, paradoxalmente, a marca do “Estadão para ler com mais tempo”. A entrevista de Milton Hatoum a Ubiratan Brasil, o autor do artigo, ocupa tão somente um quarto da página inicial e metade da página 4, na qual há ainda uma entrevista do Professor Randal Johnson, da Universidade da Califórnia (UCLA), sobre a obra do alagoano. A outra página dedicada à literatura nesta edição é a terceira, na qual a repórter Maria Fernanda Rodrigues, enviada a Abu Dhabi, fala sobre a feira literária dos Emirados Árabes, no artigo sugestivamente nomeado como “O negócio dos livros no mundo árabe”. O restante da página é ocupado por sua coluna *Babel*, oriunda do *Sabático*. É de se notar como dentre as seções do extinto caderno, justamente esta, que se dedicava ao mercado do livro, foi a que se manteve na íntegra.

Há ainda duas matérias mais neste *Caderno 2*, sob o chapéu *Literatura*: um artigo de meia página que trata de um livro sobre Dorival Caymmi, assinado pelo ex-editor do *Caderno 2+Música*, Júlio Maria, e uma entrevista com o Nobel de literatura Le Clézio, que ocupa apenas um quarto de página. O primeiro texto é marca de uma tentativa de condensação dos conteúdos de *Caderno 2+Música* e *Sabático*, utilizando um jornalista da casa; já o segundo, uma entrevista concedida a um repórter não identificado de Bogotá, chama a atenção justamente pelo anonimato. O diálogo latino-americano pareceu ter ficado um pouco truncado naquele redesenho.

Nesta rápida folheada pelo novo caderno, fica ao leitor a impressão de encolhimento e condensação. Das oito páginas de literatura no *Sabático* o *Caderno 2* herda apenas duas e meia na edição do dia 27. Além disso, é gritante, no primeiro momento, a ausência de textos de reflexão sobre a literatura: não há nenhum artigo crítico ou resenha. É evidente que as entrevistas contribuem para o debate – e os três entrevistados são professores e/ou escritores; porém, ainda assim, ou talvez por isso mesmo, nota-se como a vocação do *Suplemento Literário* e do *Sabático* parece não estar presente no novo *Caderno 2*. Das “reportagens exclusivas e abordagens analíticas” prometidas por Gandour, parecem ter tido espaço apenas as primeiras.

2. Um fenômeno generalizado

Não é difícil associar o encolhimento do *Estadão* à dramática redução da tiragem dos jornais ao longo da década; fato que não se limita ao Brasil ou ao continente, mas que é de ordem global. Juan Luis Cebrián, presidente do jornal *El País*, na Assembleia da Sociedade Interamericana de Imprensa, em 2012, trouxe dados alarmantes:

O desemprego é de 40 mil jornalistas nos Estados Unidos nos últimos anos, 7 mil na Espanha. É uma mudança revolucionária nos meios de comunicação. Estamos sendo testemunhas que a internet é uma mudança na civilização e afeta os hábitos dos consumidores muito mais do que imaginávamos. (Cebrián apud Diniz, 2012)

Ora, mais do que uma questão de baixa nas vendas do jornal impresso, o que está em curso, na trajetória meteórica do *Sabático* e nas respectivas decisões editoriais é a recusa do projeto humanista contemporâneo encampado pelo próprio *O Estado de São Paulo* ao longo de décadas e reafirmado por Rinaldo Gama. Havia claramente um diálogo inédito no suplemento extinto entre as plataformas digital e impressa – os textos que não encontravam espaço nas páginas impressas eram tornados disponíveis no site, numa espécie de suplemento ao suplemento; a noção do *hiperlink* era de fato exercida ali, como se a leitura que se iniciava no jornal impresso devesse seguir pelos arquivos do jornal na internet.

Rocha (2011) já apontara, a partir de Sloterdijk (2000) a derrocada do pensamento humanista nas sociedades contemporâneas, e com ela a perda da centralidade do literário. García Canclini (2007), por sua vez, assevera que “também se aprende a ler e a ser espectador sendo televidente e internauta” (Canclini *apud* Rocha, p.347). Ora, o que é dramático de observar é que no contexto global da passagem do escrito ao digital, os jornais brasileiros estão abrindo mão do que é da ordem do literário e do artístico, em detrimento do entretenimento.

Vive-se no Brasil uma transformação na qual não apenas a literatura sai do centro da vida cultural, como também o escritor de alguma projeção vai se transformando em mais uma celebridade, cuja palavra pública passa a ser mais importante do que o comentário especializado sobre sua escritura. Cabe recorrer à primeira edição do *Suplemento Literário*, para perceber, no contraste, como o paradigma se inverte desde então: “[O Suplemento] não fará entrevistas, a não ser em caráter excepcional, não entrará na vida particular dos escritores, não cederá ao gosto, cada dia maior da bisbilhotice social, não tentará influir no jogo da política literária” (*Suplemento Literário*, 6 de outubro de 1956). Ora, os escritores, no *Caderno 2*, ocupam o lugar das celebridades, e o que se propaga é sua imagem e suas entrevistas; a resenha ocupa, neste novo entorno, o lugar de um discurso a mais, e não tem mais o lugar privilegiado da intermediação cultural com o leitor.

Nesse sentido, a primeira edição dominical após o “redesenho”, do dia 28 de abril de 2013, traz em seu *Caderno 2* outro sintoma da tomada de posição do jornal: a coluna inaugural do jovem comediante Fábio Porchat, que quer ser uma resposta explícita à promessa de ser um jornal mais atraente. Cabe uma breve paráfrase de sua crônica de estreia, sobre o cinema nacional. Porchat, roteirista e humorista, em sua coluna de estreia, traz ao leitor o texto “Filme nacional”. O artigo fala da falta de condescendência com a produção nacional, critica o fato de ele ser classificado nas videolocadoras como gênero à parte – fora de categorizações como comédia, drama, terror – e termina reivindicando a mesma tolerância à comédia nacional que se tem com o *blockbuster* norte-americano. O trecho abaixo é uma marca do ideal de redenção do cinema brasileiro proposto pelo novo colunista:

Não quero dizer que os filmes nacionais são maravilhosos e que os americanos são horríveis, eu inclusive assisti ao filme do Stallone e mal posso esperar pela continuação, quando ele agora invade Marte, que está dominada pelo tráfico húngaro. O que eu quero dizer é que estamos em desvantagem. Começamos a corrida com o “adversário” três voltas na frente. Mas, e sempre tem o “mas”, percebo que algo está mudando! As comédias brasileiras estão, de certa forma, redimindo o cinema nacional. A comédia brasileira está colocando os DVDs e Blu-Rays do Cilada.com, E Ai, Comeu?, De Pernas pro Ar e afins, todos numa mesma prateleira. Ficam agora em Comédia! (Porchat, 2013, p.C8, grifos meus)

Afora o caráter corporativista do artigo – Porchat fala de sua geração de comediantes e a elogia –, chamam a atenção o anacronismo de usar a vídeo locadora, em desuso e franco desaparecimento e, o fato de o cinema norte-americano surgir como modelo para a produção nacional. Porchat, para elogiar o cinema nacional, como o belíssimo *O som ao redor*, de Kleber Mendonça Filho desqualifica o europeu:

Eu espero, um dia, estar perambulando por uma, ainda firme, vídeo locadora, como quem não quer nada, e encontrar Chega de Saudade, Central do Brasil e O Som ao Redor ao lado de Razão e Sensibilidade, Retorno a Howard’s End e Beleza Americana soltos ali, pela categoria Drama. E deixar a pecha de “filme maldito” para o cinema europeu. (Porchat, 2013, p.C8, grifos meus)

Advoga-se, enfim, a participação da produção audiovisual brasileira no mercado global do entretenimento, negando o artístico, representado aí pelo suposto malditismo europeu. O gesto é radical, no contexto do pós-humanista aludido por Sloterdijk. O Estado de São Paulo está a nos dizer com clareza: pode-se seguir sem literatura, sem cultura, sem reflexão. Suzana Singer, ombudsman da Folha de São Paulo, naquele mesmo fatídico domingo, publicou em sua coluna uma análise mais acabada do impasse de O Estado de São Paulo, do qual a coluna

de Porchat não é mais do que um dolorido sintoma. O jornal, em sua nova configuração, parece se mover entre a sedução e a irrelevância:

O dilema para os jornais hoje, e não só no Brasil, é encontrar um novo ponto de equilíbrio. Se as pessoas têm pouco tempo para ler, vamos escrever menos, mas, se o jornal ficar fino e superficial demais, para que comprá-lo, já que há informação de graça na rede? (Singer, 2013)

O jornalista e escritor Alberto Dines foi na mesma direção e com igual contundência:

Melancólico, mesquinho, miúdo assim foi o anúncio da morte do “Sabático”, o caderno de cultura do Estado de São Paulo. Em outras circunstâncias o passamento teria dimensões heroicas ou trágicas. Neste país apalhado e prematuramente envelhecido, sem apetite para desafios, o fim do melhor caderno semanal de cultura – e herdeiro do mais importante suplemento literário – foi encenado de maneira rigidamente canhestra. As 40 demissões (inclusive a do editor do caderno) ocorreram na sexta-feira (5/4), mas na edição de domingo (7/4), num pé de página da seção de Economia (pág. B-10), anunciou-se timidamente que o jornal estreará em 22 de abril um “novo projeto gráfico” com a reorganização dos cadernos e um novo aplicativo destinado a celulares. Aplicativo é uma poção mágica que desta vez soou pífia, falsa, medíocre. (Dines, 2013)

Reside aí justamente o entrave dos jornais neste início de século, como bem o observa Fernández (2011), ao mostrar como o leitor contemporâneo – das mais distintas latitudes – recusa-se a pagar pelo conteúdo de internet:

Pero sencillamente aún no se ha logrado que las ediciones web de los diarios impresos sean rentables de manera independiente. Desde hace 15 años, pocos diarios han logrado tener algún éxito en su intento de que los lectores paguen por los contenidos, aunque ahora algunos periódicos de vocación global como el New York Times vuelvan a intentarlo. Pero aún no parece que hayan noticias alentadoras: días después del cierre del acceso gratuito a la web de The Times, hace justo un año, el diario llegó a perder un 90% de lectores. (Fernández, 2011, grifos meus, sublinhados do autor)

Se a piada, a notícia breve, o comentário jocoso e a diversão já estão disponíveis gratuitamente na internet, na televisão, o mesmo não se pode dizer da crítica literária. Embora tenham crescido nos últimos anos blogs, portais e canais do Youtube com comentários literários, não há um trabalho sistemático, coletivo e bem editado que possa ser referência. Há sim iniciativas individuais pulverizadas pela rede.

Lorenzotti (2007) pondera que o projeto do *Suplemento Literário* se manteve por tantos anos justamente por conseguir na direção do jornal uma sustenta-

ção para além do mercado, isto é, por sua publicação não estar vinculada à existência de anunciantes, os quais, por outra parte, deveriam ser estritamente do campo das letras. A noção mesma de suplemento implica neste lugar aparte no corpo do jornal, como discute Lucca:

Podríamos definir al suplemento como una sección separada del cuerpo central que se integra y se excluye del propio medio [...]. Se integra a la prensa diaria y de esta manera posibilita su recepción masiva pelo a la misma vez se aleja por ejemplo de las condiciones de producción. Este tipo de publicación es un espacio de propagación y opinión que a su vez legitima los productos del área. (Lucca, 2013)

Ora, no Brasil, os suplementos têm sido extintos, ou têm sido integrados ao corpo principal do jornal, respondendo à sua lógica de funcionamento. Rumamos, sem dúvida, ao obscurantismo. O caso exemplar do *Sabático*, nos anos que se seguiram, demonstrou ser a regra da mídia impressa brasileira. Ao desaparecimento do *Sabático* seguiu-se a demissão forçada do editor João Paulo Cunha, por 18 anos à frente do caderno *Pensar*, de *O Estado de Minas*, em dezembro de 2014, após ser proibido, pela direção do jornal de “falar de política”; a extinção do caderno *Prosa & Verso*, de *O Globo*, com a demissão de sua editora Mânia Millen, em 1 de setembro de 2015 e, finalmente a extinção do suplemento paulistano mensal de *A Folha de São Paulo*, o *Guia da Folha – Livros, Discos e Filmes*, em 30 de abril de 2016, resultando num país sem nenhum caderno exclusivamente literário.

Essa talvez seja a grande falta que a extinção de *Sabático*, *Pensar*, *Prosa & Verso* e *Guia da Folha* venha nos trazer: a ausência de um espaço coletivo de debate e divulgação sobre literatura e cultura, o qual é ocupado por ações esporádicas ou tribunas individuais, como é o caso dos bons – e raros – blogs. E sim, neste momento, a provocação de Umberto Eco que serviu de epígrafe a este trabalho se mostra ainda mais pertinente, embora já não se tenha diante dela a mesma segurança que ofereciam as páginas do *Sabático*: assim como os jornais impressos, está também o livro por desaparecer em meio não mais das fogueiras totalitárias, mas de uma indiferença generalizada?

Referências bibliográficas

- Costa, L.M. (2013, abril 8). A montanha pariu um rato. En *Observatório da imprensa*. São Paulo, 740. Recuperado de <http://bit.ly/2f5BrPa>.
- Dines, A. (2013, abril 12). Quem matou o ‘Sabático’?. En *Observatório da imprensa*. São Paulo, 741. Recuperado de <http://bit.ly/2f59Myv>.
- Diniz, L. (2012, noviembre 8). O fim do jornal de papel. En *Observatório da imprensa*. São Paulo, 719. Recuperado de <http://bit.ly/2f191bS>.

- Fernández, H. (2011, julio 16). El fin de los diarios impresos: caída en picado o lento aterrizaje. *Gráfica*. Valencia. Recuperado de <http://bit.ly/Tv7hID>.
- Hungria, J. (2013, abril 5). 1 novo Estadão, aqui a íntegra do comunicado interno do Ricardo Gandour. En *Blue Bus*. Recuperado de <http://bit.ly/2e5BokF>.
- Lorenzotti, E. (2007). *Suplemento literário. Que falta ele faz!* São Paulo: IMESP.
- Lucca, Rita (2013, abril 8). Los suplementos culturales en la prensa argentina. *Espacio Cultura. Blog de Periodismo cultural y artes del espectáculo*. Buenos Aires. Recuperado de <http://bit.ly/2fxoyOg>.
- Porchat, F. (2013, abril 28). Filme nacional. En *O Estado de São Paulo*, p. C8. Recuperado de <http://bit.ly/2f9PIJw>.
- Rocha, J.C. de C. (2011). *Crítica literária – em busca do tempo perdido?*. Chapecó: Argos.
- Santiago, S. (2004). A crítica literária no jornal. En S. Silviano (Ed.), *O Cosmopolitismo do pobre: crítica cultural e crítica literária* (pp. 156-166). Belo Horizonte: EDUFMG.
- Singer, S. (2013, abril 28). Queridos, encolhi o jornal. En *Folha de São Paulo*. Recuperado de <http://bit.ly/2fxonSO>.